

O CÉU ONDE RELAMPEJA A MEMÓRIA

THE HEAVEN WHERE THE MEMORY FLASHES

Isabel Carneiro and Jacqueline Siano

RESUMO

O artigo busca traçar conceitos que foram motivados pela pandemia da Covid-19 em 2020 a partir das falas de Paul Preciado, Achille Mbembe, Boaventura de Sousa Santos e Ailton Krenak. Os autores produziram pensamentos emergenciais e uma subteorização, segundo o próprio Sousa Santos, do momento em que vivemos. O texto também foi construído a partir das ideias da passagem entre sociedade soberana e disciplinar de Michel Foucault e de um pequeno lampejo presente na “história filosófica” de Walter Benjamin.

PALAVRAS-CHAVE

Vírus, biopolítica, subteorização

ABSTRACT

The article seeks to outline concepts that were motivated by the Covid-19 pandemic in 2020 from the speeches of Paul Preciado, Achille Mbembe, Boaventura de Sousa Santos and Ailton Krenak. The authors produced emergency thoughts and a sub-theorization, according to Sousa Santos himself, seeking to reflect on the serious moment we are going through. The text was also constructed from the ideas of the transition between sovereign and disciplinary society by Michel Foucault and a small glimpse present in Walter Benjamin's “philosophical history”.

KEYWORDS

Virus, biopolitics, under-theorization

Segundo Maurício Lissovsky (2014), o que Walter Benjamin chamou de “história filosófica”, é a narração-trovão que o acontecimento ecoa. O acontecimento é um relâmpago; o céu onde ele relampeja, a memória. Nessas teses sobre a história de Benjamin podemos ler que: articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo; um perigo de morte.

Qual a necessidade de ainda pensarmos filosoficamente o momento de excepcionalidade que estamos vivendo? Nesses momentos de desamparo, de tristeza e de confusão nos deparamos com textos de intelectuais que admiramos. Mas por que achamos tão importante esses textos? Por que passamos a lê-los? O que nos leva à procura de uma leitura intelectualizada acerca da Covid-19 num momento de caos planetário; caos gerado ironicamente por um organismo leve e transparente, que flutua no ar, pronto para invadir o corpo humano e se alojar nos pulmões, impossibilitando a respiração, matando por sufocamento. Um vírus que só ataca os humanos. Um clamor enviado pelo planeta, como nos alerta Ailton Krenak (2020).

Talvez a resposta resida na nossa própria dificuldade de avaliação distanciada do momento crítico no qual estamos todos submersos, e assim como eles, buscamos dar prosseguimento aos nossos pensamentos e ações no mundo. Estamos nos deparando com fronteiras físicas, sociais e psíquicas, e esses textos nos possibilitam adentrar um campo diáfano posto pelo mais enfático momento de interrupção dos fluxos de nossas vidas contemporâneas; de chegada à clareira da nossa existência. Estamos, pois, desenvolvendo a subteorização proposta por Boaventura de Sousa Santos.

O problema é que a prática caótica e esquiva dos dias foge à teorização e exige ser entendida em modo de sub-teorização. Ou seja, como se a claridade da pandemia criasse tanta transparência que nos impedisse de ler e muito menos reescrever o que fôssemos registrando no ecrã ou no papel. (SANTOS, 2020, p. 14)

Essa claridade dos dias, e que nos cega, remete-nos ao ensaio de Giorgio Agamben “O que é o contemporâneo?” (2010). No texto o filósofo italiano nos convida a refletir sobre a impossibilidade de vivermos ajustados aos domínios de nosso próprio tempo. É o lampejo do passado, a intempestividade com que o não vivido nos atravessa no aqui-agora de nossas vidas cotidianas, que nos faz enxergar as mazelas do nosso próprio tempo. O calor da hora nos desorienta e impede que sejamos capazes de perceber nossas urgências. Assim também percebem os pensadores que acolhemos em diálogo.

Lições disciplinares para domar corpos esquivos

Em 18 de março seguíamos o rumo comum da disciplina da pós-graduação (PPGArtes-UERJ) com uma ementa que trazia questões de outras epistemologias; mais ao sul e transgressoras. Uma bibliografia composta majoritariamente por intelectuais mulheres e negras; leituras que se propõem antirracistas, antissexistas e antilesbofóbicas. Interessavam-nos, então, os estudos da mulher, a epistemologia que contesta o patriarcado, o colonialismo e o racismo estrutural que permeia as relações sociais no Brasil. E é claro que esta ementa¹ nos levou para a urgência de pensarmos mundos possíveis durante e depois da Covid-19.²

O primeiro texto que lemos foi “Aprendendo com o vírus” (2020, on-line) de Paul B. Preciado sobre o que nos ensina o coronavírus. O texto começa com Michel Foucault e a passagem da “sociedade soberana” para a “sociedade disciplinar”; e hoje soa como um alerta sobre como uma epidemia pode radicalizar as técnicas de biopolíticas. Técnicas recentemente utilizadas em países do Oriente, como China e Coreia do Sul, e que serviram de exemplo e de eficácia no controle e combate ao coronavírus em outros países e continentes.³

Na passagem da sociedade soberana para a sociedade disciplinar as técnicas e dispositivos de controle se sofisticam e, devidamente ajustados, esses mesmos corpos são transformados em máquinas de produtividade. Processo que tende a controlar o corpo social como um todo. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Nas instâncias de controle que surgem a partir do séc. XIX, o corpo não é mais o que deve ser suplicado, mas formado, reformado, corrigido; deve adquirir aptidões, receber certo número de qualidades, qualificar-se como corpo capaz de trabalhar.

Na passagem do século XIX para o século XX o poder disciplinar pretende potencializar as energias do corpo numa esfera de controle panoptista. A disciplina passa a fabricar corpos submissos e a aumentar as forças do corpo em termos econômicos e de utilidade. O panopticismo torna-se então um dos traços característicos da sociedade disciplinar; uma forma de poder que se exerce sobre os indivíduos em forma de vigilância individual e contínua.

O biopoder se dissemina por toda a sociedade como forma de administração das potências do corpo. O que se entende por biopoder são técnicas e táticas de administração do corpo. Nunca a disciplina foi tão importante, tão valorizada quanto a partir do momento em que se procurou gerir a população. Devemos compreender essa transformação não em termos de substituição de uma sociedade soberana para uma sociedade disciplinar, e desta para uma sociedade de governo, mas em termos

de uma triangulação: soberania-disciplina-gestão governamental, que tem na população seu alvo principal e nos dispositivos de segurança seus mecanismos essenciais.

Lições do Coronavírus: isolar para não contaminar corpos imunes

No texto citado, Preciado explora os conceitos de comunidade e imunidade cuja raiz etimológica se encontra no termo latino *múnus*, o tributo pago pelo indivíduo ao estado. O corpo “imune” diz respeito ao “agente economicamente livre (masculino, branco, heterossexual)”, que não precisa prestar contas à comunidade, enquanto os *démunis* são os outros corpos; daqueles “excluídos em um ato de proteção imunológica” (ibid., n.p.). Preciado ressalta que é a partir das pesquisas médicas de Pasteur e Koch do século XIX, e da descoberta da primeira vacina contra varíola, que o termo imunidade adentra o âmbito sanitário. Com a ascensão do nazismo, a noção de imunidade racial “sobreviveu na Europa legitimando as políticas neoliberais de gestão de suas minorias radicalizadas e das populações migrantes” (ibid., n.p.). Imunidade que tornou a acentuar as diferenças entre os europeus eles mesmos, e muito mais ainda na relação com os “outros”, colocando em cheque nossas utopias comunais. (ibid, n.p.).

Para Preciado, com a radicalização das técnicas de gestão biopolítica e os saberes acumulados com outras tantas pandemias, a ideia de que o novo coronavírus tenha sido criado em laboratório não passa de uma piada de mau gosto:

o vírus atua à nossa imagem e semelhança, não faz mais do que replicar, materializar, intensificar e estender a toda a população as formas dominantes da gestão biopolítica e necropolítica que já estavam trabalhando no território nacional e em suas fronteiras. (ibid., n.p.)

Preciado destaca novas formas de biopoder as nomeando “farmacopornográfico”; formas em que o corpo não é mais regulado pelas instituições disciplinares, mas por um conjunto de tecnologias biomoleculares, microprostéticas, digitais e de transmissão de informação e de técnicas de biovigilância. A emergência de políticas de fronteira, a estrangeirização do outro, o medo do que está de fora, compõem o quadro de gerenciamento da vida das populações.

Segundo o autor, temos um primeiro momento da gestão da peste, que é o mesmo utilizado até hoje na gestão do coronavírus: o isolamento que se configura numa gestão disciplinar, enquanto que o segundo momento seria o das práticas estatais de biovigilância que colocariam em xeque nossas democracias já um tanto quanto

precárias. A estrangeirização, o fortalecimento de barreiras com o intuito de cercear o que vem de fora e impedir a partilha com os indesejados, torna-se uma prática comum nos tempos de pandemia.

Curar-nos a nós mesmos como sociedade significaria inventar uma nova comunidade para além das políticas de identidade e de fronteira com as quais temos produzido a soberania até agora, mas também para além da redução da vida à sua biovigilância cibernética. (PRECIADO, 2020, n.p.)

Diante da pandemia em tempo de esgotamentos

Achille Mbembe em seu artigo pandêmico “O direito universal à respiração” (2020, on-line, n.p.) disserta sobre o tempo de brutalismo que estamos vivendo, que seria a ênfase na “redistribuição desigual da vulnerabilidade” à qual a Covid-19 impõe ao planeta. “Tempos sem garantia ou promessa, num mundo cada vez mais dominado pelo medo do seu próprio fim” (ibid, n.p.). O que temos hoje são técnicas de fronteirização e a devastação ainda maior de florestas. Segundo Mbembe não haverá mais comunidade quando não pudermos mais recordar os vivos, e as mortes em massa e sem sepultamento acabam por gerar isso. O em-comum depende da partilha.

Não basta tapar o buraco. No meio da cratera é preciso tudo inventar, a começar pelo social. Pois quando trabalhar, aprovisionar, informar-se, manter o contacto, nutrir e conservar as ligações, conversar e trocar, beber juntos, celebrar o culto ou organizar funerais, não poder ter lugar senão por interpostos *ecrans*, é tempo de tomar consciência de que estamos cercados de anéis de fogo por todo o lado. Em grande medida, o digital é o novo buraco que a explosão criou na terra. Trincheira, entranhas e paisagem lunar ao mesmo tempo, é o *bunker* onde homem e mulher isolados são convidados a refugiar-se. (MBEMBE, 2020, n.p.)

Estamos vivendo um momento de grande separação e confinamento em que o temor de viver se avizinha ao da própria morte. Transformamo-nos em corpo-objeto, corpo-máquina e corpo-digital. O afastamento social que nos é imposto por um organismo invisível, a negação por parte de algumas lideranças políticas e a falta de diligência para a contenção de sua veloz disseminação são fatores que expõe a vulnerabilidade a que todos estamos expostos; a uma ideia de humanidade que deixou atrás de si um rastro de destruição ambiental a nível planetário.

Mbembe coloca-nos algumas questões desconcertantes: Como recompor “uma terra habitável”? “Seremos capazes de redescobrir a nossa pertença à mesma espécie e o nosso inquebrantável vínculo à totalidade do vivo?” (2020, on-line, n.p.). Para o autor,

com os sistemas de saúde fragilizados, que sofrem processos contínuos de desmonte, especialmente nos países onde se localizam as populações mais vulneráveis; sistemas “devastados por anos de negligência organizada, o pior ainda está por vir.” (ibid., n.p.). Parece-nos então não haver saída ao menos a curto e médio prazo. O medo se alastra mundo afora afirmando uma “desigual vulnerabilidade” (ibid., n.p.). Desigualdade exposta pelo coronavírus que amplifica a violência embutida nessa mesma desigualdade.

O caos está posto e o vírus à espreita. Eis o tempo de implacável destruição, asfixia e putrefação financiado pelo neoliberalismo e pelo deus-dinheiro. Por quanto tempo resistiremos se tudo que tocamos vira veneno? E o vírus? “Não importa o quanto nos tentemos livrar dele. No final, tudo nos traz de volta ao corpo.” (ibid., n.p.). Corpo vulnerável, isolado e intoxicante, do qual um simples abraço pode transmitir a morte por asfixia. Para o autor não adianta sonharmos com uma transfiguração pela tela que nos transmite a falsa ideia de fluidez em rede. Teremos que recomeçar, e a partida se dará com a recomposição da Terra. “Seremos capazes de redescobrir a nossa pertença à mesma espécie e o nosso inquebrantável vínculo à totalidade do vivo? Talvez esta seja a derradeira questão, antes que a porta se feche para sempre.” (ibid., n.p.).

Os textos de Preciado e Mbembe se tocam num mesmo ponto: a divisão feroz do globo, as técnicas de biovigilância, as linhas de segmentação físicas e biológicas intensificadas. Muitos estados e pessoas buscarão reforçar suas fronteiras, seja da cidade, da rua, do estado, na esperança de proteção contra a exterioridade.

Caminhos e Desvios em tempo de isolamento

Em nossos recolhimentos forçados buscamos alternativas para contornar nossas ansiedades e não paralisar diante de tamanha ameaça.

Desde 2008, Isabel Carneiro vem trabalhando com o conceito de *temporalidades inconciliáveis*⁴ através do estratagema da colagem. Dentro dessa ideia de colagem plástica/conceitual o que seria mantido ou transgredido no processo de retirar os conteúdos de seus locais originais e levá-los para outra superfície, uma outra temporalidade, nunca suprimindo seu local e identidade inicial. Poéticas em que a dimensão rotineira e diária se tornam sistemas, como nas séries “90 telas em 90 dias” (2008), “1 compasso por dia” (2013), “1 cartão postal sonoro por dia” (2013). A prática diária, rotineira, obsessiva, se torna num adestramento, uma disciplina diária, uma terapêutica, ou ainda, uma escrita de si.

O projeto "1 pintura por dia" (2020), consiste na realização diária de uma pintura cronometrada podendo ser realizada em 10 min, 5 min, 2 min 30 segundos, 15 segundos ou 5 segundos e sua postagem no *Instagram*, e propõe uma investigação sobre o objeto e suas formas de visibilidade. As questões da pintura se impõem, mas são deixadas para o segundo plano. Não se acredita mais em objeto artístico e no embate com a história da pintura. Torna-se uma prática que traz um regramento, uma disciplina mais importante que o resultado. E essa prática é inevitavelmente pedagógica, pois forma um campo de compartilhamento.

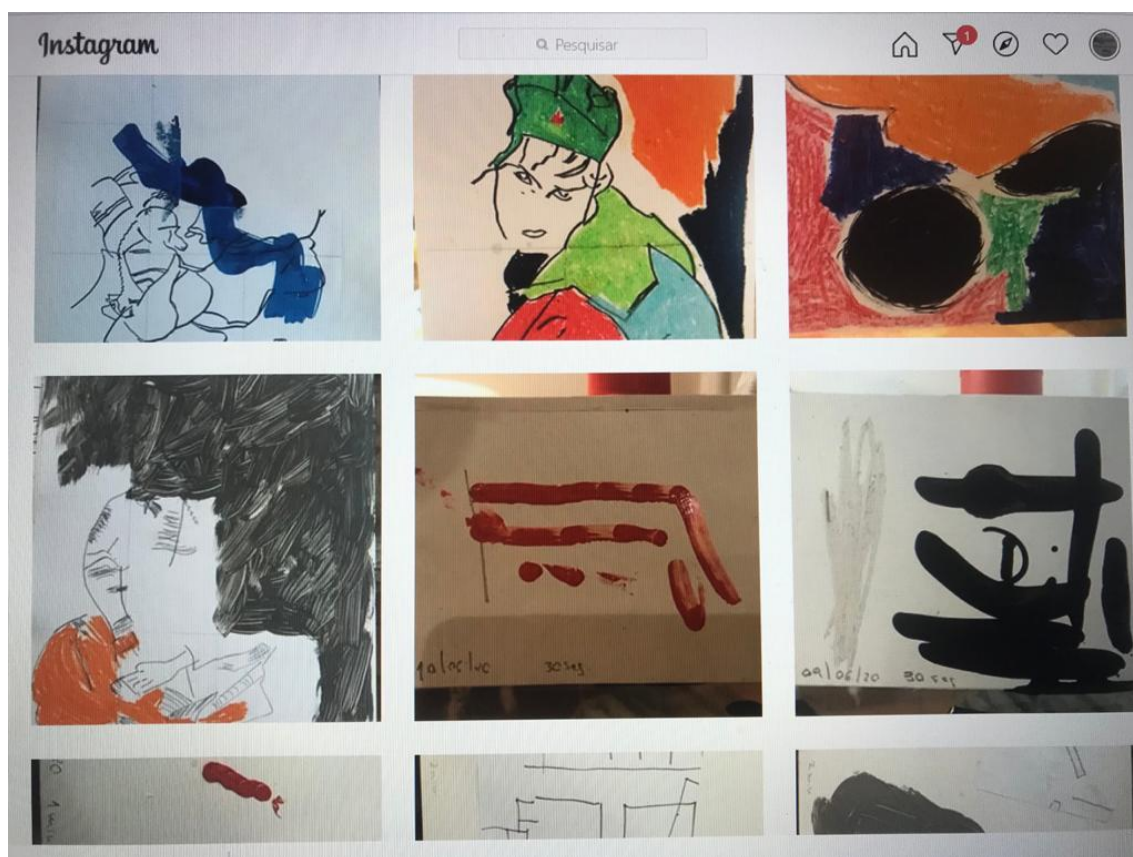


Figura 1. Isabel Carneiro. Projeto "1 pintura por dia", 2020. Frame do Instagram.

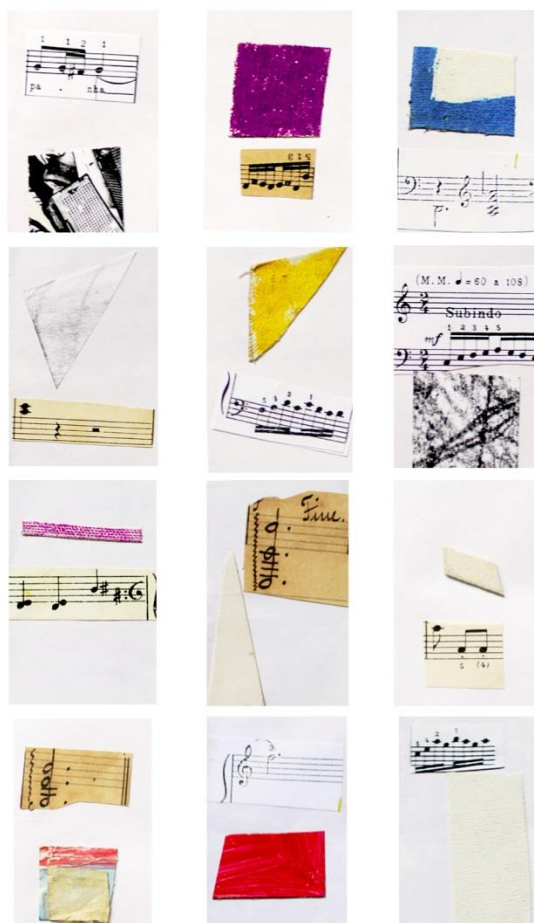


Figura 2. Isabel Carneiro. *1 compasso por dia*. 60 papéis 4x5 com. Acervo da artista

Desde 2013, Jac Siano investiga as condições de possibilidade de uma prática artística da viagem em âmbito local. Para tanto, a artista articula a forma-conceito denominada *deslocamentos como viagem* à pesquisa da história da arte brasileira no que tange ao contexto das viagens empreendidas por artistas e naturalistas no século XIX. Percursos, registros, coletas e mapeamentos são apreendidos como matéria plástica e contribuem para a construção de um *Urbanarium* – contra catalogação de base artística – uma espécie de coleção onde se misturam objetos e imagens recolhidas durante suas viagens.



Figura 3. Jac Siano, Caçada numa floresta virgem, 2020. Objetos sobre reprodução gravura Praia Rodrigues de Johann M. Rugendas, 30 x 21 cm. Acervo da artista.

A interrupção abrupta destes procedimentos e a suspensão da pesquisa de campo causada pela pandemia foram dribladas por incursões e derivas em seu arquivo pessoal. Descobre nos “Exercícios para intervenções em álbuns e coleções” (2020) outras possibilidades de produção poética para lidar com o álbum do artista viajante Johann M. Rugendas (figuras 3 e 4), cuja obra a levou a perscrutar os sítios históricos de Vila Inhomirim. ⁵As derivas agora ocorrem nas próprias reproduções das imagens que compõem o álbum do viajante sobre as quais ora deposita objetos coletados em seu Urbanarium, ora interfere com elementos gráficos travando um embate direto com cenas que colaboraram (e ainda colaboram) com a construção de um imaginário onde a paisagem pitoresca e o exotismo das figuras ali representadas informam e conformam os discursos da arte e da cultura brasileira calcado numa ideia de progresso que se assenta no domínio da natureza e na inferiorização de suas gentes.



Figura 4. Jac Siano. Ponte de Cipó, 2020. Colagem sobre reprodução de gravura do Álbum da Viagem Pitoresca através do Brasil de Johann M. Rugendas, 21 x 30 cm (detalhe). Acervo da artista.

Em artigo recente Boaventura de Souza Santos discorre sobre a contemporaneidade do coronavírus e começa seu texto falando da normalidade do estado de exceção ou a crise continuada em que estamos atravessando há tempos, e que tem por objetivo a permanência da crise, a legitimação da escandalosa concentração de riqueza e o boicote a medidas eficazes para impedir a iminente catástrofe ecológica. O que Boaventura em seu texto “A cruel pedagogia do vírus” (2020) chama de alegoria da pandemia, é que a pandemia do coronavírus provoca o medo caótico e generalizado de uma morte sem fronteiras incitada por um organismo invisível que ataca indiscriminadamente o corpo humano. Alerta para a ideia de normalidade apesar de vivermos desde há muito, num contexto de exceção.

Para o autor, a crise do coronavírus “vem apenas para agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita.” (ibid., p. 6). Se por um lado a

pandemia traz um sentimento democrático de solidariedade e compaixão, por outro ela aparta a todos tendo no isolamento a forma de escape à doença. Isolamento desigual que põe em risco certos grupos sociais localizados numa condição social, política e cultural que ele nomeia como “Sul” onde cabem várias categorias subalternizadas como as mulheres⁶, os trabalhadores informais, a população da rua, entre outros tantos invisibilizados e mantidos em condições subumanas como ocorre nas regiões periféricas das grandes cidades e favelas cujas moradias exíguas impedem o distanciamento físico recomendado; corpos desprezados e abandonados pelas classes privilegiadas e por governos omissos que sempre os trataram como invisíveis. “É possível o auto isolamento num contexto de permanente hetero-isolamento imposto pelo Estado?” questiona Sousa Santos (2020, p.18).

E haverá uma saída desse labirinto?

Alguns economistas e governantes clamam pela “volta à normalidade”, mas que normalidade é essa? As projeções para o futuro próximo não são nada otimistas; crise ecológica, cataclismos, esgotamentos, novas pandemias, fim da espécie humana e de outras tantas formas de vida que ainda habitam o planeta. Grave é a crise ambiental. Grave é a crise humana. Estamos sufocando a possibilidade de vida no planeta. Nossa casa. Nossa nave mãe. Boaventura, assim como Ailton Krenak acreditam que se persistirmos no modelo do neoliberalismo o fim será inescapável. Concordam com um destino irreversivelmente letal, se continuarmos a violar e a consumir nosso planeta. “Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a Terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos.” (KRENAK, 2020, p.7). “As pandemias, tal como as manifestações da crise ecológica, são a punição que sofremos por tal violação.” (BOAVENTURA, 2020, p. 23). “Não podemos voltar àquele ritmo, ligar todos os carros, todas as máquinas ao mesmo tempo.” (KRENAK, op. cit., p.14).

Diante de quadro tão assustador, perguntamo-nos se haverá uma saída para a humanidade. Talvez ela esteja numa virada capaz de nos restituir aquilo que o termo traz em sua raiz etimológica, o húmus; a humildade. Mas teremos tempo?

Paul B. Preciado, Achille Mbembe, Boaventura de Souza Santos e Ailton Krenak continuam observando, refletindo e escrevendo nesse momento sobre as implicações sanitárias e desdobramentos da pandemia do coronavírus e os afetos sobre a humanidade visto que o SARS-coV-2 continua ativo no planeta.

¹ Jamais pensáramos que a pandemia fosse interromper o fluxo de nossas atividades não só acadêmicas, como cotidianas. Seguimos até o presente momento em isolamento social.

² Os resultados de pesquisas recentes apontam para a faixa social mais atingida e revelam a preocupação de pesquisadores e pesquisadoras com os habitantes das áreas com alta densidade demográfica, como favelas e comunidades que orbitam os centros urbanos. Regiões assoladas pela violência do tráfico de drogas, das milícias e da própria polícia. Regiões onde a precariedade dos serviços sociais e sanitários, a péssima qualidade das habitações e a falta de saneamento dificultam o isolamento. Pessoas que se veem sujeitas a buscar recursos financeiros em trabalhos precários e subempregos, expondo os privilégios de parte da sociedade que pode se recolher em suas casas se esquivando da contaminação. O site Observatório das Favelas publica o mapeamento da disseminação, do contágio, número de óbitos e de letalidade da no município do Rio de Janeiro, No Portal da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ) encontramos um artigo intitulado “Desigualdade social e econômica em tempos de Covid-19 (13/05/2020) que revela a preocupação do Conselho Nacional de Saúde (CNS) com a população em “situação de rua, com sofrimento ou transtorno mental, com deficiência, vivendo com HIV/Aids, LGBTI+, população indígena, negra e ribeirinha e trabalhadores do mercado informal, como catadores de lixo, artesãos, camelôs e prostitutas.” Para o artigo na íntegra, acessar: <https://portal.fiocruz.br/noticia/desigualdade-social-e-economica-em-tempos-de-covid-19>. Acesso em: 27 maio 2020.

³ Para maiores informações sobre as divergências entre Oriente e Ocidente em face ao novo coronavírus sugerimos artigo do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597343-o-coronavirus-de-hoje-e-o-mundo-de-amanha-segundo-o-filosofo-byung-chul-han> Acesso em: 25 maio 2020.

⁴ Na dissertação de mestrado “Notas sobre a forma-colagem” a artista investigava a relação entre temporalidades inconciliáveis nas colagens plásticas. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Artes do Instituto de Artes, UERJ, Rio de Janeiro, março de 2010, com auxílio bolsa Faperj.

⁵ Vila Inhomirim é um dos distritos da cidade de Magé, situado na região da Baixada Fluminense onde se localizam diversos sítios históricos abandonados, como por exemplo, a Estrada do Caminho Novo e a Fazenda da Mandioca, antiga propriedade do naturalista Georg von Langsdorff responsável pela vinda do artista viajante ao Brasil, hoje em ruínas, além do rio Inhomirim, altamente poluído e em parte assoreado, que na época da Expedição Langsdorff era navegável e abrigava em suas margens o Porto Estrela. Sítios que compõem o emblemático “Álbum da Viagem Pitoresca através do Brasil” de Johann Moritz Rugendas, e que são objetos de pesquisa de campo da artista Jac Siano.

⁶ Em vários países vem se verificando um aumento significativo de violência doméstica contra mulheres, inclusive de casos de feminicídio, como mostra artigo intitulado “Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante pandemia”, publicado em 01 junho 2020, na página da Agência Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia> Acesso em 02 junho 2020

Referências

AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009, pp.55-73.

BARBOSA, J. ; TEIXEIRA, L.; BRAGA, A. **Cartografia Social da Covid19 na cidade do Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://of.org.br/noticias-analises/cartografia-social-da-covid-19-na-cidade-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em 27 maio 2020.

BOND, L. Casos de feminicídio crescem 22% em 12 estados durante a pandemia. **Agência Brasil**. Brasília, D.F. , jun.2020. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/casos-de-feminicidio-crescem-22-em-12-estados-durante-pandemia> Acesso em: 04 jun. 2020.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

_____. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LISSOVSKY, M. **Pausas do destino**: teoria, arte, história da fotografia. Rio de Janeiro: Ed. Mauad, 2014.

MBEMBE, Achille. **O direito universal a respiração**. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/598111-o-direito-universal-a-respiracao-artigo-de-achille-mbembe> Acesso em 24 maio 2020.

MORAES, E. R. de. **O corpo impossível**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

PRECIADO, Paul B. **Aprendendo com o vírus**. Associação dos Geógrafos Brasileiros. Campinas, 28/mar/2020. Disponível em: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/> Acesso em 24 maio 2020.

SOUSA SANTOS, B. de. **O coronavírus, nosso contemporâneo**. Revista de Letras. Portugal. 6 – 19 maio 2020. Disponível em: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Boaventura_O%20coronav%C3%A9rus%20nosso%20contempo%C3%A2neo_6Maio2020.pdf. Acesso em 24 maio 2020.

Outras fontes

FIOCRUZ - Fundação Oswaldo Cruz <https://portal.fiocruz.br/>. Acesso em 27 maio 2020.

OPAS - Organização Pan-americana de Saúde <https://www.paho.org/bra/>. Acesso em 27 maio 2020.